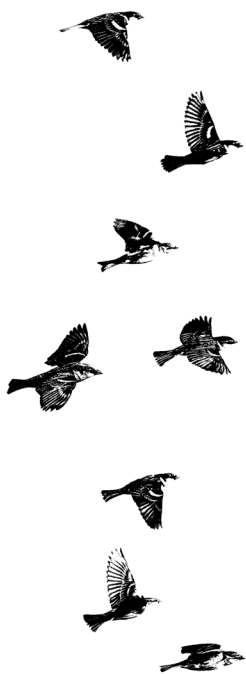


A METADE SOMBRIA

STEPHEN KING

TRADUÇÃO
Regiane Winarski



Copyright © 1989 by Stephen King

Publicado mediante acordo com o autor com a The Lotts Agency, Ltd.
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The Dark Half

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Imagens de capa
Pardal: AlekseyKarpenko/ Shutterstock
Lápide: Warpaint/ Shutterstock

Projeto gráfico
Bruno Romão

Preparação
Marcela Ramos

Revisão
Thaís Totino Richter
Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

King, Stephen
A metade sombria / Stephen King ; tradução Regiane Winarski. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Suma, 2019.

Título original: The Dark Half.
ISBN 978-85-5651-077-8

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana
I. Título.

19-23515

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/edorasuma

instagram.com/edorasuma

twitter.com/Suma_BR

*Este livro é dedicado a Shirley
Sonderegger, que me ajuda a cuidar da
minha vida, e ao marido dela, Peter.*

NOTA DO AUTOR

Tenho uma dívida com o falecido Richard Bachman pela ajuda e inspiração.
Este livro não poderia ter sido escrito sem ele.

S.K.

PRÓLOGO

— *Corta ele* — disse *Machine*. — *Corta ele enquanto eu fico aqui olhando. Quero ver o sangue escorrer. Não me faz pedir duas vezes.*

— *O jeito de Machine*
de George Stark

A vida das pessoas, a vida real, e não a simples existência física, começa em momentos diferentes. A vida real de Thad Beaumont, um jovem nascido e criado na região de Bergenfield chamada Ridgeway, em Nova Jersey, começou em 1960. Duas coisas aconteceram a ele naquele ano. A primeira moldou sua vida; a segunda quase o matou. Naquele ano, Thad Beaumont fez onze anos.

Em janeiro, ele enviou um conto para um concurso patrocinado pela revista *American Teen*. Em junho, recebeu uma carta dos editores da revista dizendo que ele tinha ganhado uma menção honrosa na categoria Ficção do concurso. A carta também dizia que os juízes teriam lhe dado o segundo lugar se o formulário não tivesse revelado que ainda lhe faltavam dois anos para se tornar um verdadeiro “*American Teen*”, um adolescente americano. Ainda assim, disseram os editores, a história dele, “Do lado de fora da casa de Marty”, era um trabalho extraordinariamente maduro, e ele tinha que ser parabenizado.

Duas semanas depois, chegou um Certificado de Mérito da *American Teen*. Foi por carta registrada, com seguro. No certificado, seu nome estava escrito em letras tão rebuscadas que ele mal conseguiu ler, e um selo dourado embaixo, com o logo da *American Teen* em alto-relevo: a silhueta de um garoto de cabelo curtinho e uma garota de rabo de cavalo dançando.

Thad, um garoto quieto e sério que parecia esbarrar em tudo e muitas vezes tropeçava nos próprios pés enormes, foi tomado nos braços da mãe e coberto de beijos.

Seu pai não ficou impressionado.

— Se estava tão bom, por que não deram dinheiro? — grunhiu ele das profundezas da poltrona.

— Glen...

— Deixa pra lá. Quem sabe o Ernest Hemingway aí vai buscar uma cerveja pra mim depois que você parar de esmagar ele.

Sua mãe não disse mais nada... mas mandou emoldurar a carta original e o certificado que chegou depois, pagando pelo serviço com os trocados que tinha para pequenos gastos, e pendurou o quadro no quarto dele, acima da cama. Ela sempre levava os parentes ou outras visitas que apareciam por lá para ver. Thad, dizia para os convidados, será um grande escritor um dia. Ela sempre soube que ele estava destinado a ser grandioso, e aquela era a primeira prova. Isso constrangia Thad, mas ele amava tanto a mãe que não falava nada.

Constrangido ou não, Thad concluiu que sua mãe estava ao menos parcialmente certa. Ele não sabia se tinha talento para ser um *grande* escritor, mas seria *algum* tipo de escritor, a qualquer custo. Por que não? Ele era bom. E o mais importante era que gostava de fazer isso. Quando as palavras certas saíam, ele gostava e muito. E um dia seriam obrigados a lhe pagar, e detalhe nenhum impediria isso. Ele não teria onze anos para sempre.

A segunda coisa importante que aconteceu em 1960 começou em agosto. Foi quando ele teve as primeiras dores de cabeça. Não eram nada grave no começo, mas, quando as aulas recomeçaram no início de setembro, as dores leves e persistentes nas têmporas e atrás da testa tinham progredido para maratonas doentias e monstruosas de sofrimento. Quando essas dores se apoderavam dele, não lhe restava nada a fazer a não ser se deitar no quarto escuro e esperar a morte. No final de setembro, ele torcia para que a morte chegasse logo. E, em meados de outubro, a dor havia se agravado a ponto de ele ter medo de que a morte não chegasse nunca.

O começo dessas dores de cabeça terríveis era marcado pelo fantasma de um som que só ele ouvia; parecia o trinado distante de mil passarinhos. Às vezes, ele quase imaginava ver os pássaros, e desconfiava de que eram pardais; fileiras pousadas em fios telefônicos e em telhados, como faziam na primavera e no outono.

Sua mãe o levou ao dr. Seward.

O dr. Seward examinou seus olhos com um oftalmoscópio e balançou a cabeça. Em seguida, fechou as cortinas, apagou a luz e instruiu Thad a olhar um espaço branco na parede na sala de exames. Usando uma lanterna, ele acendeu e apagou rapidamente um círculo luminoso enquanto Thad olhava.

— Isso provoca uma sensação estranha, filho?

Thad fez que não.

— Você não fica tonto? Como se fosse desmaiar?

Thad fez que não de novo.

— Está sentindo algum cheiro? Como de fruta podre ou panos queimados?

— Não.

— E seus pássaros? Você os ouviu enquanto estava olhando a luz da lanterna?

— Não — disse Thad, intrigado.

— São os nervos — disse seu pai mais tarde, quando Thad tinha sido dispensado para a sala de espera do consultório. — Esse garoto está uma pilha de nervos.

— Acho que é enxaqueca — afirmou o dr. Seward. — É incomum em um garoto tão novo, mas já houve casos. E ele parece muito... passional.

— Ele é mesmo — disse Shayla Beaumont, com certo tom de aprovação.

— Bom, pode ser que exista cura um dia. Por enquanto, receio que ele tenha que aguentar as crises.

— É, e nós com ele — reclamou Glen Beaumont.

Mas não eram os nervos, e não era enxaqueca, e não pararia por ali.

Quatro dias antes do Halloween, Shayla Beaumont ouviu um dos garotos que esperavam o ônibus escolar com Thad todos os dias de manhã começar a gritar. Olhou pela janela da cozinha e viu seu filho caído na calçada tendo uma convulsão. A lancheira caída ao lado, as frutas e sanduíches espalhados no chão quente. Ela saiu correndo, expulsou as outras crianças dali e ficou parada ao lado do filho sem fazer nada, com medo de tocar nele.

Se o grande ônibus amarelo com o sr. Reed no volante tivesse chegado mais tarde, Thad talvez tivesse morrido bem ali, em frente à garagem de casa. Mas o sr. Reed tinha sido soldado do atendimento médico na Coreia. Ele conseguiu virar a cabeça do garoto para trás e abrir passagem para o ar antes que Thad morresse sufocado com a própria língua. Ele foi levado ao Hospital do

Condado de Bergenfield de ambulância, e um médico chamado Hugh Pritchard por acaso estava no Pronto Socorro, tomando café e trocando lorotas sobre golfe com um amigo, quando o garoto chegou de maca. E Hugh Pritchard por acaso também era o melhor neurologista do estado de Nova Jersey.

Pritchard solicitou um raio X e examinou as imagens. Mostrou aos Beaumont e pediu que observassem com bastante atenção uma sombra não muito forte que ele mesmo circulara com um lápis de cera amarelo.

— Isto aqui — disse ele. — O que é?

— Como é que a gente vai saber? — retrucou Glen Beaumont. — Você que é o médico.

— Certo — disse Pritchard secamente.

— Minha esposa disse que parecia que ele estava tendo um troço — contou Glen.

— Se você quer dizer que ele teve uma convulsão, sim, teve mesmo. Se você quer dizer que ele teve um ataque *epilético*, posso afirmar que não foi isso. Uma convulsão tão séria quanto a do seu filho sem dúvida teria sido tônico-clônica, e Thad não teve nenhum tipo de reação ao teste de luz de Litton. Na verdade, se Thad tivesse epilepsia, vocês não precisariam de um médico para lhes dizer isso. Ele ficaria se sacudindo no tapete da sala cada vez que mudasse a imagem da televisão.

— Então o que é? — perguntou Shayla, tímida.

Pritchard se voltou para a imagem do raio X presa na frente da caixa de luz.

— O que é isso? — perguntou, batendo na área circulada de novo. — O surgimento repentino das dores de cabeça, mais a ausência de convulsões anteriores, sugere que seu filho tem um tumor cerebral, provavelmente ainda pequeno e, com sorte, benigno.

Glen Beaumont ficou olhando para o médico sem mover um músculo enquanto, ao lado, sua esposa começou a chorar, tapando o rosto com um lenço. Ela chorou sem emitir som algum. Esse choro silencioso foi resultado de anos de treinamento marital. Os punhos de Glen eram rápidos e certos, quase nunca deixavam marcas, e, depois de doze anos de sofrimento calado, ela provavelmente não conseguiria chorar em voz alta nem se quisesse.

— Isso tudo significa que você quer meter a faca no cérebro dele? — perguntou Glen com o tato e delicadeza de sempre.

— Eu não diria com essas palavras, sr. Beaumont, mas acredito que uma cirurgia exploratória seja necessária, sim. — E pensou: *Se Deus existe e se Ele realmente nos fez à Sua imagem e semelhança, não gosto de pensar por que existem tantos homens como esse andando por aí com o destino de tantos outros nas mãos.*

Glen ficou em silêncio por um tempo, refletindo, a cabeça baixa, a testa franzida. Finalmente, ele olhou para o médico e fez a pergunta que mais o preocupava.

— Me fale a verdade, doutor. Quanto isso tudo vai custar?

A enfermeira-assistente viu primeiro.

O grito dela foi agudo e chocante na sala de cirurgia, onde os únicos sons nos quinze minutos anteriores tinham sido as ordens murmuradas do dr. Pritchard, o sibilar do enorme aparelho de respiração assistida e o ruído breve e agudo da serra Negli.

Ela cambaleou para trás, esbarrou em uma bandeja Ross de rodinhas na qual mais de vinte instrumentos tinham sido organizados e a derrubou. Caiu no azulejo com um estrondo ecoante que foi seguido por vários tilintares mais baixinhos.

— Hilary! — gritou a enfermeira-chefe, a voz cheia de choque e surpresa.

Ela ficou tão perdida a ponto de dar meio passo na direção da mulher que fugia, o uniforme verde esvoaçando.

O dr. Albertson, que estava ajudando, deu um leve chute na canela da enfermeira-chefe.

— Você não está em casa.

— Sim, doutor. — Ela voltou na mesma hora para o lugar, sem nem olhar para a porta, que foi aberta enquanto Hilary fazia sua saída estratégica, ainda gritando como um carro de bombeiros em ação.

— Coloque os instrumentos na estufa — disse Albertson. — Agora. Rapidinho.

— Sim, doutor.

Ela começou a recolher os instrumentos, atrapalhada, a respiração pesada, mas tinha tudo sob controle.

O dr. Pritchard pareceu não ter reparado em nada daquilo. Olhava, hipnotizado, para a janela que tinha sido aberta no crânio de Thad Beaumont.

— Inacreditável — murmurou ele. — Simplesmente inacreditável. Isso vai entrar para a história da medicina. Se eu não estivesse vendo com meus próprios olhos...

O chiado da estufa pareceu despertá-lo, e ele olhou para o dr. Albertson.

— Quero sucção — disse, decidido, e olhou para a enfermeira. — Que porra você está fazendo? As palavras cruzadas do jornal de domingo? Traz logo isso!

Ela obedeceu, carregando os instrumentos em uma bandeja nova.

— Me dá sucção, Lester — disse Pritchard para Albertson. — Agora. E vou te mostrar uma coisa que você só deve ter visto em um show de bizarrices nas feiras de interior.

Albertson empurrou a bomba de sucção até lá, ignorando a enfermeira-chefe, que pulou para sair do caminho, equilibrando os instrumentos com habilidade.

Pritchard estava olhando para o anestesista.

— Me dá uma P.A. boa, meu amigo. Só peço que a P.A. esteja boa.

— Ele está com um zero cinco e 68, doutor. Firme como uma pedra.

— Bom, a mãe diz que temos o próximo William Shakespeare deitado aqui, então mantenha assim. Suga ele, Lester. Não vai fazer cócegas no garoto com esse troço!

Albertson aplicou a sucção e eliminou o sangue. O equipamento de monitoração continuava apitando regularmente, monótono e reconfortante, ao fundo. E em um instante foi o próprio ar que o médico sugou. Parecia que tinha levado um soco na barriga.

— Ai, meu Deus. Ai, Jesus. Jesus Cristo. — Ele recuou por um momento... mas logo em seguida chegou mais perto. Acima da máscara e por trás dos óculos de armação de chifre, seus olhos estavam arregalados, de repente brilhando de curiosidade. — O que é?

— Acho que você está vendo o que é — disse Pritchard. — É que leva um segundo para se acostumar. Já li sobre isso, mas não esperava ver.

O cérebro de Thad Beaumont era da cor da superfície de uma concha: um cinza mediano com um leve toque rosado.

Na superfície lisa da dura-máter havia um único olho humano, cego e malformado. O cérebro pulsava levemente. O olho pulsava junto. Parecia que estava tentando piscar para eles. Foi isso, esse movimento que lembrava uma piscadela, que fez a enfermeira-assistente sair correndo da sala de cirurgia.

— Jesus do Céu, o que é isso? — perguntou Albertson de novo.

— Não é nada — disse Pritchard. — Pode já ter sido parte de um ser humano vivo. Agora, não é nada. Só problema. E por acaso é um problema que podemos resolver.

O dr. Loring, o anestesista, disse:

— Permissão para olhar, dr. Pritchard?

— Ele ainda está estável?

— Está.

— Então venha. É o tipo de coisa que você vai poder contar para os seus netos um dia. Mas seja rápido.

Enquanto Loring dava uma olhada, Pritchard se virou para Albertson.

— Quero a Negli — disse ele. — Vou abrir mais um pouco. Depois sondamos a área. Não sei se consigo tirar tudo, mas vou tirar o que conseguir.

Les Albertson, assumindo o papel de enfermeira-chefe da sala de cirurgia, colocou a sonda recém-esterilizada na mão enluvada de Pritchard assim que foi requisitado. O cirurgião, que no momento cantarolava baixinho o tema de *Bonanza*, mexeu rapidamente e quase sem esforço na abertura, apenas vez ou outra observando o espelho de dentista na ponta da sonda. Foi guiado praticamente só pelo tato. Albertson mais tarde diria que nunca tinha testemunhado uma cirurgia instintiva tão emocionante na vida.

Além do olho, eles encontraram parte de uma narina, três unhas e dois dentes. Um dos dentes tinha uma cárie pequena. O olho continuou pulsando e tentando piscar até o segundo em que Pritchard usou o bisturi para perfurá-lo e depois extirpar. A operação toda, desde a abertura inicial até a extirpação final, só durou vinte e sete minutos. Cinco nacos úmidos de carne esparramavam-se pela cuba de aço inoxidável na bandeja Ross ao lado da cabeça raspada de Thad.

— Acho que terminamos — disse Pritchard. — Todos os tecidos estranhos pareciam estar conectados por gânglios rudimentares. Mesmo que haja mais pedaços, acho bastante provável que tenhamos matado todos.

— Mas... como é possível, se o menino ainda está vivo? É tudo parte dele, não é? — perguntou Loring, confuso.

Pritchard apontou para a bandeja.

— Encontramos um olho, um bocado de dentes e unhas na cabeça do garoto e você acha que eram parte dele? Você viu alguma unha faltando nas mãos dele? Quer olhar?

— Mas até câncer é apenas uma parte do paciente...

— Isso não era câncer — disse Pritchard, com paciência. As mãos continuaram trabalhando enquanto ele falava. — Em muitos partos em que a mãe dá à luz um único bebê, esse bebê na verdade começou a existir como gêmeo, meu amigo. Pode chegar a dois casos em cada dez. O que acontece com o outro feto? O mais forte absorve o mais fraco.

— Absorve? Você quer dizer que um *come* o outro? — perguntou Loring. Ele estava meio verde. — Estamos falando de canibalismo no útero?

— Pode chamar como quiser. Acontece com certa frequência. Se conseguirem desenvolver o dispositivo de sonografia tão falado nos congressos de medicina, pode ser que a gente consiga descobrir com *que* frequência. Mas, independentemente da probabilidade, o que vimos hoje é bem mais raro. Parte do gêmeo desse garoto não foi absorvida. Acabou indo parar no córtex pré-frontal. Poderia ter ido parar nos intestinos, no baço, na medula, em qualquer lugar. Normalmente, os únicos médicos que veem coisas assim são patologistas. Aparece em autópsias, e nunca ouvi de nenhuma morte causada por tecidos estranhos.

— O que aconteceu aqui, então? — perguntou Albertson.

— Alguma coisa fez esse amontoado de tecido, que devia ser submicroscópico um ano atrás, se desenvolver novamente. O relógio de crescimento do gêmeo absorvido, que deveria ter parado de funcionar para sempre pelo menos um mês antes da sra. Beaumont dar à luz, de alguma forma voltou a trabalhar... e a porcaria se desenvolveu. Não há mistério sobre o que aconteceu; a pressão intracraniana por si só era suficiente para causar as dores de cabeça do garoto e a convulsão que o trouxe até aqui.

— Sim — disse Loring, baixinho —, mas *por que* aconteceu?

Pritchard balançou a cabeça.

— Se eu ainda estiver praticando qualquer coisa que exija mais de mim do que minhas tacadas de golfe daqui a trinta anos, você pode voltar a me

perguntar. Eu talvez tenha resposta. Agora, só sei que localizei e extirpei um tipo de tumor muito raro e específico. Um tumor *benigno*. E, fora as complicações, acredito que isso seja tudo que os pais precisam saber. O pai do garoto faria o Homem de Piltown parecer um dos Quiz Kids. Não consigo me imaginar explicando que fiz um aborto no filho de onze anos dele. Les, vamos fechar o menino.

E, como se só então tivesse pensado nisso, ele acrescentou com voz agradável para a enfermeira:

— Quero aquela filha da puta que saiu correndo daqui despedida. Tome nota disso, por favor.

— Sim, doutor.

Thad Beaumont saiu do hospital nove dias depois da cirurgia. O lado esquerdo do corpo ficou fraco por quase seis meses, o que foi bastante incômodo para o menino, e, de vez em quando, se estava cansado, ele via formas estranhas, mas não tanto aleatórias, de luzes piscando.

A mãe tinha lhe dado de presente de recuperação uma máquina de escrever Remington 32, e normalmente a luz piscava mais quando ele ficava debruçado na máquina antes da hora de dormir, quebrando a cabeça para encontrar o jeito certo de dizer alguma coisa ou tentando descobrir o que deveria acontecer na história que estava escrevendo. Mas isso também acabou passando.

O fantasma sinistro dos pios, o som de esquadrões de pardais no céu, não voltaram depois da operação.

Ele continuou escrevendo, ganhando confiança e polindo seu estilo em desenvolvimento, e vendeu sua primeira história (para a *American Teen*) seis anos depois que sua vida real começou. Depois disso, ele nunca mais olhou para trás.

Até onde os pais e o próprio Thad sabiam, um tumor benigno pequeno foi removido do córtex pré-frontal do cérebro dele no outono de seu décimo primeiro ano. Quando me lembrava de tudo aquilo (o que fazia cada vez menos com o passar dos anos), só pensava que tivera uma sorte enorme de sobreviver.

Muitos pacientes que passavam por uma neurocirurgia naquela época primitiva não sobreviviam.